

A CATEDRAL

Amor, Luxúria, Devoção, Pecado

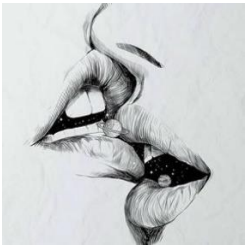
Maura Soares

2020

Copyright 2020 Maura Soares

Título: A Catedral
Subtítulo: Amor, Luxúria, Devoção, Pecado
Categoria: Novela
Páginas: 296
Capa: Pesquisa internet
Fotos 1 e 2 no corpo da obra: Residências em Santo Antônio de Lisboa, Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC
Projeto Gráfico: Eloah Westphalen Naschenweng
Publicação:
https://clubedeautores.com.br/books
1ª Edição: 2020
Blog: www.lachascona.blogspot.com

Contato: maurapoeta@gmail.com



A todos, que fazem do amor

sua fonte de prazer.

O personagem Eusébio é encontrado em muitos jovens deste imenso país.

Muitos se dão bem, outros, mal.

Eusébio...veremos...

"Há sempre alguma

loucura no amor.

Mas há sempre

um pouco de razão

na Loucura"

-Friedrich Nietzsche -

A AUTORA



PERFIL

O enredo desta novela surgiu em 2012. Ficou adormecido e retomado em 2013. Em 2018 foi revisto e ampliado, suprimindo-se cenas fortes que, por suas sequências, a autora decidiu cortar, pois não favoreceria a história, podendo, com o texto original, ser confundida com novelas de cunho pornográfico.

Maura Soares preferiu destacar o amor entre pessoas sofridas, desiludidas que se entregam aos prazeres da carne, mas também nos seus íntimos, desejam o amor e a união eterna.

A autora já possui outras novelas publicadas: O amor de Elvira; Contos de Eros, Isabela Di Santi, O Talismã de Maria e A Senhora do Engenho & Outras Histórias.

Neste ano de 2020, após mais uma atenta revisão, cortando cenas que considerava supérfluas, resolveu publicar.

Alerta-se que é uma obra de ficção, embora a trama ocorra na cidade de origem da autora, Florianópolis e a Catedral, ponto de referência da história; seja a mesma.

***

Observação:

Esta novela foi escrita entre 2012-2013
Finalizada em 26 de julho de 2013
Revista e ampliada em 2018
Publicada em 2020

Hipoteticamente a história se passa em Desterro, antigo nome da capital de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Cidade pacata. Início do século 20. A Igreja no alto, a pequena praça, poucas casas ao redor.
Nesta cidade, cheia de intrigas, habitantes com pouca instrução, pouco comércio, a vida na pesca, romances proibidos.
Assim se desenrola "A Catedral".
Qualquer semelhança com qualquer cidade, é mera coincidência.
A Autora



PERSONAGENS:

Eusébio Siqueira
Padre Bento
Maria Carolina Silva Paes (Maroca)
Pedro Silva Paes
Dona Candoca (Cândida de Albuquerque e Silva)
Liana (namorada)
Carlos (pai de Liana)
Fátima (mãe de Liana)
Padre João

Personagens citados:

Antônio e José (filhos de Pedro e Maroca)
Dom Genaro da Anunciação
Sinhá Josefa
Comadre Chica
Zé da Silva
Dona Emerenciana
Zilda
Jandira
Nhô Lau
Silvia
Helena
Francisco
Neneca

A CATEDRAL

A cidade crescera ao redor da Igreja Matriz com a praça em frente e no seu centro, majestosa, a Catedral, o mais alto edifício com suas altas torres.

Dentro dela o chefe, o pároco, o padre, o Cura - aquele que ditava, em nome de Deus - , as ordens, quem decidia a quem dar o batismo, e quem casar.

Às paroquianas com filhos nos braços, sem pais, eram negados os sagrados óleos.

Dentro da Catedral, o púlpito era o mais alto lugar onde o padre se posicionava na hora da homília. Com seu olhar inquisidor, procurava, ao verbalizar o texto da missa, aquele ou aqueles que durante a semana tivessem transgredido as normas da Igreja.

Poucos na vila não iam às missas. Esses eram tratados com indiferença, e se ficavam doentes, não adiantaria chamar o padre porque ele inventaria uma desculpa e não atenderia o paroquiano. Era uma forma de Poder, de obrigar a todos comparecerem aos ofícios sagrados.

Perto do mar, a maioria dos homens vivia da pesca. Poucas casas de comércio, um pequeno posto de correio, uma botica onde se aviavam as receitas do único médico a ter um local no centro para atender seus pacientes.

O hospital estava em construção, mas distante da igreja. Este também construído no alto de uma colina e, também, possuía sua capela.

A vida corria devagar com as mulheres dos pescadores fazendo suas rendas de bilro, os filhos indo ao pequeno grupo escolar onde a única professora dava aula de 1ª. a 4a. série.

Realmente uma heroína que se desdobrava para atender seus alunos.

Com o passar dos anos a vila foi se estruturando com o elemento migrante se estabelecendo criando tipografias, casas de armarinho, padarias, vendas de secos e molhados onde se vendiam de tudo um pouco; farmácia, uma agência bancária, enfim, a cidade em crescimento. Com o calçamento das ruas, as coisas foram melhorando e a Catedral ainda com suas torres acima de todos.

E um novo pároco apareceu.

Ali, vindo de uma cidade perto da capital de São Paulo, se estabeleceria o Padre Bento. Chegara com uma carta de recomendação do arcebispo primaz do Brasil, praticamente aposentando ou transferindo o velho padre que, com o passar dos anos, já estava começando a ceder aos rogos da população, uns contestando

as proibições impostas pela Santa Sé e, aos poucos, foi perdendo sua autoridade.

Padre Bento chegou e começou a pôr em ordem na casa e no seu entorno.

Com toda a sua pose, externamente, Padre Bento escondia em seu coração um segredo, motivo pelo qual fora transferido de sua cidade.

Era um homem culto e foi difícil para ele, de início, tratar com aqueles seres despreparados para a vida, ignorantes, alguns analfabetos.

É difícil quem não tem um pequeno segredo. Não o revela. Guarda pra si, esconde.

A Igreja, ao longo dos séculos, sempre se manteve conivente com atos anticristãos de seus representantes. No caso de Bento, a solução foi transferi-lo como usualmente tratavam esses casos. O elemento fora da cidade. Aos poucos,

os munícipes vão se esquecendo. Mandar o Bento para bem longe de sua cidade para ninguém mais ouvir falar dele e a Santa Sé ficar tranquila no alto de sua soberba.

Padre Bento assumiu a paróquia, começou a mostrar sua autoridade, mas levava a coisa tranquila com as beatas ajudando no que podiam e ele tentando conseguir mais fiéis para os ofícios dominicais, pois percebia que a igreja a cada domingo se tornava mais vazia, talvez pelos desmandos do padre anterior.

Estudioso, pedia livros para a Arquidiocese e conseguia. Precisava se aprimorar, pois não pretendia ficar naquela cidade por muito tempo. Daria, sim, tempo para que o processo contra ele fosse esquecido, então pleitearia sua mudança para uma cidade mais adiantada.

Bento, no entanto, não poderia supor que seu destino sofreria uma reviravolta.

Eusébio, este o nome.

Ψ Ψ Ψ



Casa de Maria Carolina (1)

Maria Carolina Silva Paes morava perto da Catedral. Junto com Pedro Silva Paes, construiu sua casa com o estilo da residência de seus antepassados da Ilha de São Jorge, Açores, Portugal. Os parentes haviam deixado uma estampa com o desenho da casa quando

partiram para a Pátria Maior. Ela guardava o desenho da casa como se fosse uma relíquia.

Desde pequena, quando ainda residindo com seus pais, no Alto Ribeirão, fora ensinada a frequentar a igreja da comunidade. Ali havia sido batizada, fez a 1ª. comunhão, curso pra catequista, era do Apostolado da Oração e, com Pedro, em diversas ocasiões colaborado com as festividades mais importantes da Igreja Católica.

Seus dois filhos, Antônio e José, também seguiram seus passos, eram devotos como os pais, sempre seguindo os preceitos da Igreja.

A Catedral passava por dificuldades financeiras – e o pároco teve que despedir a faxineira que, diga-se de passagem, deixava a Catedral num brinco.

Daí, em vista disso, Maria Carolina ofereceu-se para ajudar no que fosse preciso.

Como só fazia as coisas da casa, com seu tempinho para as rendas de bilro---outra tradição que não largara — ia todos os dias à tarde ajudar o pároco, limpando, esfregando, polindo os ornamentos.

Levava às 5as. feiras, nas reuniões do Apostolado, o lanchinho com seus "bolinhos de areia" (um biscoitinho redondo, pequeno. Parece mesmo de areia, no entanto desmancha-se na boca). Ali, além das rezas, dos terços em honra de Maria, na hora do lanchinho com café com leite, o tempinho, claro, para as fofocas da semana.

E assim passava o tempo, com Maria Carolina vendo os filhos se aprumando na vida, os netos crescendo, o carinho do marido, a família reunida todos os domingos após a missa em sua casa, e ela preparando aquele macarrão

com galinha caipira, criadas no quintal com milho e sobras de comida.

Ψ Ψ Ψ



Em 1958 chegou à comunidade, vindo das bandas de Goiás, um aspirante a padre, com vistas a se ordenar na paróquia.

Eusébio Siqueira, seu nome. Alto, bonito, moreno, cabelos ondulados, ombros largos de atleta, olhos penetrantes. Fala mansa, como devem ter todos os aspirantes a padre

(jamais levante sua voz, seja simples, seja humilde, assim era a lei). Eusébio cumpria ou tentava cumprir as orientações.

Quando aquele monumento saltou do ônibus naquele domingo de verão, bem no horário de saída da missa, causou um frisson nas mocinhas casadoiras. Estava vestido normalmente, sem batina. Ninguém iria supor que aquela bela estampa estava se preparando para ser padre.

Assim que saltou do ônibus com uma maleta na mão, cumprimentou a todos com educação e dirigiu-se à Igreja.

Padre Bento estava ainda à porta cumprimentando os fiéis e as "marocas" que, embora tivessem rezado durante uma hora, ainda tinham tempo de fofocar com o padre. A todas Padre Bento atendia sorrindo e pensando em outra coisa, pra não ficar com a cabeça quente,

pois se fosse atender todas as reivindicações, enlouqueceria.

Eusébio dirigiu-se ao padre, pedindo licença pela interrupção, com o Cura agradecendo a Deus pelo belo jovem ter-lhe livrado das beatas fofoqueiras.

- Sim, meu jovem, o que deseja?

Eusébio tirou uma carta do bolso da calça e entregou ao padre. Este pediu que entrasse, escusou-se com as beatas e levou o rapaz para a sacristia. As beatas ficaram com os pescoços esticados, tentando adivinhar quem era aquele belo homem.

Padre Bento ofereceu-lhe água, pois o calor estava insuportável. Mandou que se sentasse enquanto abria o envelope com o selo da Cúria de Goiás.

Na missiva, assinada pelo Bispo Dom Genaro da Anunciação, o mesmo recomendava

o jovem aspirante para a paróquia da Ilha, eis que o mesmo necessitava de novos ares e um local com praias ainda desabitadas, com pessoas simples na comunidade, sem o estertor do progresso, faria bem ao jovem, cujo desejo era servir a Deus sobre todas as coisas.

Padre Bento ficou pensativo. Como resolver este impasse se a paróquia não dispunha de orientadores capazes de fazer com que aquele belo jovem estudasse em bons livros, tivesse sabatina sobre os capítulos e versículos da Bíblia? Ele próprio, após tantos anos de sacerdócio ainda necessitava de estudo; o que fazer com aquela criatura?

Dom Genaro estava bem calçado ao enviar o rapaz, pois nas entrelinhas dizia ser "um pedido direto do Papa".

Padre Bento, desconfiado como ele só, leu que, sim, estavam mandando o rapaz por

algum motivo e isto ele iria descobrir com o tempo. Agora era acomodar o jovem numa pensão e ver o que poderia fazer.

Lembrou-se de Maria Carolina, tão prestativa, tão temente a Deus, com uma boa casa com eira e beira, três quartos, um deles vazio, pois ambos os filhos já estavam casados...

Sim, iria tentar dar solução às acomodações, por enquanto. No dia seguinte, segunda-feira, procuraria a Cúria Metropolitana, falaria ao Arcebispo e contaria porque ele e não o Arcebispo havia recebido a carta recomendando o rapaz. E, se possível, manter o jovem em suas acomodações, longe das jovens, que percebeu, terem olhado o rapaz com admiração. Deixaria passar uma semana e depois iria lá, pois era afastada do Centro.

Seu estômago roncou. Lembrou estar na hora do almoço.

- Você já almoçou, meu jovem?

- Não, senhor; tomei um café num bar de estrada, comi um sanduíche, só.

- Então, venha comigo. Sempre tenho comida guardada, veremos o que podemos fazer, pois também estou com fome.

Padre Bento seguiu na frente abrindo caminho por dentro da Catedral para chegar à Casa Paroquial onde ele possuía suas boas acomodações: uma cozinha ampla, um bom quarto, varanda para os estudos e uma boa biblioteca onde ele preparava suas homílias.

Com certeza ali não poderia colocar o jovem. Nessa tarde iria à casa de Maria Carolina ver se poderia acomodar o rapaz.

- Sente-se, Eusébio.

Abriu o armário. Havia carne, arroz, batata e verdes pra preparar uma salada. Ah, e

um bom Bordô tinto seco para molharem a garganta.

- Precisa de ajuda, Padre Bento?

- Sim, ali naquele armário há a louça e talheres. Pegue a toalha que está na primeira gaveta e duas taças. Gosta de vinho?

- Sim, padre. Gosto muito.

- Muito bem, vamos esquentar tudo, então.

O padre então começou a faina de arrumar ou consertar, como dizem, a comida para ambos.

Os olhos de Eusébio percorriam o ambiente da casa com curiosidade. Embora a Catedral tivesse sua imponência, as acomodações eram simples.

Padre Bento puxou conversa quando ambos estavam comendo, um gole de vinho aqui, outro ali e o rapaz foi soltando a língua, bem a gosto do padre que não perdia a oportunidade

em descobrir de onde o rapaz vinha, o que fazia antes, por que um jovem tão belo queria ser padre. Teria sido uma desilusão amorosa?

E Eusébio foi contando sua história. Havia nascido em Campo Grande, mas mudado para Goiás ainda pequeno, filho do capataz de uma fazenda, possuía mais dois irmãos, uma mulher e um homem, seus pais ainda eram vivos e continuavam na fazenda.

O padre não aguentou a curiosidade.

- Os outros dois são assim, como você?

- Como assim, padre?

- Assim, parecidos com você?

- Sim, os dois. Minha irmã já está com 18 anos, qualquer hora se casa, pois tem dois pretendentes e meu irmão tem 15 anos, ainda estuda. Meu pai trabalha na fazenda, temos uma casinha, temos a nossa própria criação.

- O que deu em você pra querer ser padre?

- Sou temente a Deus e, pra seguir seus passos, só sendo padre.

- Hummm, pensou o padre. Aí tem coisa. Deixou quieto, conformou-se com a resposta. Padre Bento não ficou alheio à beleza do jovem. Algo no seu olhar mexeu com ele. Afastou o pensamento, pois não queria remexer em velhas feridas.

- Bem, meu jovem, me ajude a lavar a louça e iremos à casa de Maria Carolina, aqui perto. Verei se posso hospedá-lo ali, pois sei ser uma boa casa e ela ficará contente em ajudar a Igreja. Creio que não tem dinheiro, pois não?

- Tenho um pouco, sim. Se eu tiver que pagar, não sei quanto vai custar, mas meu pai e Dom Genaro me deram algum pra eu passar uns tempos.

- Hummm, pensou Bento. Mais um item para pesquisar, pois era sabido que Dom

Genaro não era de abrir a mão, a não ser se fosse pra ser beijada. Mais uma vez deixou quieto enquanto secava a louça e guardava.

- Se precisar ir ao banheiro, é logo à esquerda.

Pelas duas horas da tarde daquele domingo, com um calor infernal, Padre Bento e Eusébio dirigiram-se para a casa de Maria Carolina.

Esta, ao ver o padre com aquele belo jovem com a maleta na mão, em direção à sua casa, apressou-se em fazer uma limonada para oferecer, pois sabia que iria ter visita. Enquanto o marido atendia as visitas, Maria Carolina preparava a bandeja, a jarra com a limonada gelada e os copos. Toda faceira com a visita, acomodou a bandeja numa mesinha da sala e beijou a mão do padre.